

# Amor só de mãe

Kurt Shaw<sup>1</sup>

Trabalhando com meninos de rua, ganguistas e ladrões, tenho a oportunidade de conhecer uma grande diversidade de tatuagens. Porém, tem um tema quase universal, seja entre Crips e Bloods em Nova Iorque, entre sicários em Medellín ou ganguistas em Recife. Existe uma mensagem simples que muitos meninos e adolescentes escolhem para inscrever nos seus corpos: "Amor só de mãe."

O artigo normal sobre crime e violência procura usar o saber acadêmico para solucionar os problemas da favela, mas eu quero fazer o contrário. Se colocamos o lema "Amor só de mãe" em diálogo com o pensamento de Jacques Lacan e Slavoj Žižek, os ganguistas têm muito a ensinar aos psicanalistas e à sociedade ampla. Na realidade, ensina um caminho importante para sair da violência posmoderna.

Semana passada, numa oficina de vídeos, ensinei um jovem -- ex ladrão e menino de rua -- como fazer filmes documentários. Como símbolo central do seu filme, Alejandro escolheu a passagem pelo esgoto da cidade, onde ele e seus amigos foram para fugir da polícia depois de furtar as carteiras. Ele conseguiu sair da escuridão do túnel, relata, só quando a sua mãe ficou doente. Ele relata que "devido a muitas coisas, que agora eu me arrependo, coisas ruins que eu andava fazendo -- roubando, cheirando cola -- ela sofreu um aneurisma no cérebro... Se algo pior tivesse passado, eu jamais ia ser capaz de me perdoar por todas as coisas ruins que fiz a ela." A quebra com o seu passado, o momento de "sair à luz" -- como ele expressa no vídeo -- apareceu com o sentido de culpa que só o sofrimento da mãe podia inspirar.

Amparo, uma pacifista do bairro Kennedy, em Medellín, me contou uma história similar. No seu bairro, o chefe da quadrilha era um tal de Jhonny, um matador e traficante do pior tipo, mas um homem com um afeto sincero e grande pela sua mãe. Comprou uma coisa atrás da outra para ela -- roupas, eletrodomésticos e uma casa. Jhonny reconhecia que o que fazia não era bom, mas fazia tudo para melhorar a vida da mãe. Amparo conheceu a mãe do Jhonny através da associação de moradores, e começou a falar com ela sobre a vida no bairro, sobre a violência, a justiça e a exclusão. Amparo descobriu que a mãe não gostava das ações do seu

---

<sup>1</sup> Director Ejecutivo, Shine a Light: a rede internacional pelos meninos de rua. [www.shinealight.org](http://www.shinealight.org)

filho, mas que não queria criticá-lo, porque achava que assim poderia perder o filho.

Amparo, também uma mulher de classe popular, consciente que sua vida mudou quando leu a autobiografia de Gandhi, presenteou este livro à mãe de Jhonny.

Nas semanas seguintes, Amparo e a mãe de Jhonny conversaram sobre o livro, refletindo sobre a possibilidade de lutar contra a violência com a paz e a ética. A mãe de Jhonny acatou que sua atitude era parte do problema, pois receber presentes era o que permitia seu filho seguir na vida de matador e criminoso. Chegou o Dia das Mães, feriado sumamente importante em Medellín, e pela manhã Jhonny veio com um presente especial para a sua mãe: um caríssimo relógio de ouro. A mãe se encheu de coragem e disse, "*eu não quero, filho querido. Mas quando me trouxer um presente que tu ganhou com teu próprio suor, será o melhor dia da minha vida.*" Jhonny, o grande e duro chefe da gangue, chorou tão alto que dava para o bairro escutar. Em uma semana, deixou sua posição na quadrilha e migrou para o exterior, onde agora é diretor de um programa de resolução de conflitos para jovens, de onde escreve à sua mãe.

Quando trabalhei com meninos e adolescentes das favelas mais violentas de Recife, fiquei fascinado pela sua paixão pelo rap e a sua capacidade de decorar letras longas e difíceis. Uma das músicas que todos sabiam perfeitamente era "Desculpa Mãe", composta e cantada pelo grupo paulistano Facção Central, um tipo de carta poética à mãe, pedindo perdão: "Desculpa mãe, por te impedir de sorrir...". Tanto entre estes meninos como entre os sicários de Medellín ou ladrões argentinos, o amor da mãe é a única força capaz de inspirar a culpa e a vergonha. Quero mostrar aqui que também é esta a força que constitui o sujeito ético.

A vida criminosa parece brindar um caminho direito ao gozo -- o prazer da droga, o sexo promíscuo, o temor que outros sentem do bandido -- e a arma pretende dar um poder quase onipotente. Se falamos em gíria lacaniana, a vida criminosa permite fingir que o bandido não sofre da castração; mas na realidade, a economia do gozo criminoso segue um modelo de pulsão, de *Treib*. Para Lacan e Žižek, a diferença fundamental entre desejo e pulsão fica na sua relação com o *objet petit a*, a misteriosa coisa-ímpeto que inspira o desejo. Baixo o rubro do desejo, imaginamos que o gozo realiza-se no momento de conseguir o *objet petit a*, embora o mesmo sempre foge no momento de aproximação. Baixo o rubro da pulsão, o gozo encontra-se no *fracasso* de conseguir o *objet petit a*, na repetida falha dos esforços de conseguir o que eu quero. O *Shopping* serve como exemplo perfeito da economia da pulsão:

o gozo de comprar mais e mais mercadorias não tem nada a ver com a mercadoria, mas em dizer, uns dias depois da compra, "não é isto que eu queria não. Voltemos ao shopping para procurar mais."

Vários adolescentes viciados em heroína contaram-me que a primeira vez que eles usaram heroína, era como chegar ao paraíso, mas todas as outras vezes, o vício é só uma tentativa de voltar a ter essa primeira experiência. Depois de um tempo, o que faz o vício não é a droga, mas o ritual da comprar, limpar a seringa, e atar o braço, sabendo sempre que não vai funcionar, que não vai obter o gozo da primeira experiência. Ao começo, o gozo é a heroína, mas depois, o gozo é o *fracasso* da droga, a circulação infinita ao redor de um *objet petit a* que já não existe, que só funciona como um centro vazio onde revolve a pulsão. A experiência básica do bandido é exatamente este gozo no fracasso das drogas, do poder, e do sexo. Poderíamos pensar o lema do Comando Vermelho -- "o lado certo da vida errada" -- como a descrição favelada da pulsão. "Errar" é fracassar e pecar, mas no sentido etimológico (como o "cavalheiro errante" ou o "judeu errante") também quer dizer "vagar", circular sem jamais achar o que você procura. O "lado certo da vida errada" quer dizer que encontra o gozo no ato de errar, na repetição da circulação ao redor do *objet petit a* ausente.

O que pode quebrar o círculo do gozo na pulsão? A dor da mãe. Alejandro descreveu o evento perfeitamente com a frase "eu jamais ia ser capaz de me perdoar por todas as coisas ruins que fiz a ela." Em perdoar-se (ou não perdoar-se) a pessoa dobra-se: um aspecto do ser atua e perdoa enquanto outro aspecto do mesmo ser recebe o perdão. Esta divisão permite que a pessoa enxergue-se, reflexione, examine-se; é como se pudesse ficar fora do seu próprio ser para se examinar. Há aqui a definição filosófica da consciência, o nascimento do sujeito. Zizek fala do "osso na garganta" que impede o acesso ao gozo, criando o sujeito como agente que pode desejar e procurar. Para Lacan, o processo que descrevo aqui é o reconhecimento que o sujeito é dividido. Para Alenka Zupancic, é a culpa que dá-nos a consciência da nossa liberdade. Seja qual for a linguagem que usamos para descrever o evento, quando a vida errada do bandido faz a mãe sofrer, ele toma consciência das conseqüências das suas ações, aprende que tem um mundo fora do seu mundo de pulsão. E nesta "tomada de consciência" -- a culpa que divide o sujeito na parte ativa que culpa e a parte passiva que sente a culpa -- nasce o sujeito.

Desde *O Banquete*, a metáfora de amor que domina o pensamento europeu é o mito que

Platão coloca na boca de Aristófanes: na épocas já perdidas no passado, o ser humano era redondo e completo, mas fomos divididos, e agora cada pessoa procura a sua "outra metade" para voltar a ser inteiro. O amor romântico atual depende do mesmo mito: o hotmail em espanhol anexa uma propaganda aos emails dos seus usuários: -- "MSN Amor: busca tu ½ naranja <http://latam.msn.com/amor/>" -- onde a "laranja inteira" não é outra coisa que o ser redondo e completo de Aristófanes. A sabedoria bandida ensina-nos que a verdade do amor é exatamente o contrário: *o amor não faz-nos completo*. O amor *quebra* a economia da pulsão. Cria uma divisão. Faz com que uma pessoa possa se enxergar. Quando a mãe se opõe ao gozo do filho para que ele enxergue-se, do amor que enfrenta, nasce o sujeito.

Qual é o papel materno? Fundamentalmente, a boa mãe faz com que seu filho ou filha seja sujeito. Primeiro, ensina ao filho que não é onipotente e não tem acesso direito ao gozo. Segundo, quando o filho se vê nos olhos da mãe, também vê-se olhando; ou seja, percebe-se como objeto do olhar da mãe, mas também como sujeito, como alguém que olha tanto como é olhado. Na gíria lacaniana, o olhar da mãe é o primeiro passo ao \$, ao sujeito dividido. No meio do amor da mãe – e aqui é importante notar que falo do papel materno, não da realidade de cada relação entre mãe e filho – o filho e a filha ganham a consciência humana.

"Amor só de mãe" não é um lema cínico, nem pessimista, nem niilista. Partilha com Lacan que "*le rapport n'existe pas*," a crítica ao mito do amor como a completude, como a reunião das duas meia laranjas, mas vai além do mestre psicanalítico. "Amor só de mãe" insiste que o amor não é a união, mas ainda pode existir: é só amor quando nasce dele o sujeito.

Mais importante ainda, "Amor só de mãe" ensina-nos que o amor não é só da mãe. O sujeito pode nascer (ou crescer) no amor do pai, no amor do casal, no amor de amigos. De todas estas relações, uma pessoa encontra a possibilidade de se dividir, de refletir. Do amor de mãe nasce mais que o filho: nasce o sujeito.